

Teilhard de Chardin

A VIDA COSMICA

«Escritos do Tempo da Guerra», excerto do Cap. IV

Num organismo tão vasto como o Universo, uma multiplicidade de boas vontades e de recursos permanece sem uso, e uma série de abortos é o preço de alguns triunfos. Os obscuros, os inúteis, os falhados, devem regozijar-se com a superioridade dos outros, cujo triunfo apoiam ou pagam. E tudo isto é muito duro. O Mundo, a sujeição ao mundo, o dever de servir o Mundo, são pesados como uma cruz; e foi para *nos forçar a crer nele* que Jesus quis, dominando todos os caminhos da Terra, erguer-se em forma de Crucifixo, símbolo no qual cada homem pudesse reconhecer a sua imagem própria e verídica.

Gostaríamos de poder duvidar, esperar que a dor e a maldade sejam condições transitórias da Vida, que a Ciência e a Civilização eliminarão um dia... Sejamos mais verdadeiros e tenhamos coragem para enfrentar a existência. Quanto mais a Humanidade se refina e se complica, tanto mais as probabilidades de desordem se multiplicam e a sua gravidade se acentua; pois não se eleva uma montanha sem escavar abismos, e toda a energia é igualmente poderosa para o bem e para o mal. Tudo o que *devém* sofre ou peca. A verdade sobre a nossa atitude neste mundo, é que *nós nele estamos em cruz*.

Ora Cristo não quis que a sua imagem dolorosa fosse um simples aviso hasteado, para sempre, no Mundo. No Calvário, Ele é ainda, e sobretudo, o *centro de confluência e de apaziguamento* de todos os sofrimentos terrestres. Temos muito poucos dados sobre a forma como Nosso Senhor *experiencia* o seu corpo místico, para dele colher satisfação. Mas vislumbramos um pouco como pode receber os seus sofrimentos; e é mesmo a única forma de apreciar a imensidade da sua Agonia encontrar nela uma angústia, eco de todas as angústias, *um sofrimento «cósmico»*. Durante a sua Paixão, Jesus sentiu recair sobre a sua alma, sozinha e esmagada, o peso de todas as dores humanas; numa prodigiosa e inefável síntese. Adoptou-as, sentiu-as todas...

E admitindo-as no domínio da sua consciência, transfigurou-as. O sofrimento e o pecado, sem Cristo eram como que a «entulheira» da Terra. Numa montanha de esforços peníveis, de esforços falhados, de esforços «reprimidos», acumulavam-se os desperdícios das actividades do Mundo. Pela virtude da Cruz, todo esse montão de destroços se tornou precioso: o homem compreendeu que não havia, para si, forma mais eficaz de progredir do que utilizar a horrível e repelente dor<sup>1</sup>.

A dor, o cristão sente-a como os outros. Como os outros deve esforçar-se por diminuí-la e serená-la, não apenas por orações suplicantes, mas pelos esforços de uma Ciência engenhosa e segura de si mesma. Mas, chegada a hora em que ela se impõe, ele utiliza-a. Por uma maravilhosa compensação, o mal físico, humildemente suportado, consome o mal moral. Segundo leis psicológicas definíveis, purifica a alma, estimula-a e torna-a desinteressada. Finalmente, à maneira de um sacramento, opera uma misteriosa união do devoto a Cristo sofredor.

Abordada numa disposição de doce abandono, depois com um espírito de conquista, a demanda de Cristo no Mundo termina pois, logicamente, por um apaixonado e doloroso abraço entre os braços da Cruz. Entusiasta e sincera, a alma entregara-se e abandonara-se a todas as grandes correntes da Natureza. Ao cabo das suas experiências e da longa maturação dos seus pontos de vista, apercebe-se de que nenhum trabalho é mais eficaz e apaziguador que recolher, para a consolar e oferecer a Deus, a Dor do Mundo; nenhuma atitude mais dilatadora para ela que a de se abrir, ampla e ternamente — com Cristo e Nele, à *simpatia para com toda a Dor*, à «*Compaixão cósmica*».

**Nieuport, 24 de março de 1916**

**(Citado em *Sur la Souffrance*)**

(versão portuguesa «Escritos do tempo da Guerra»,  
ed. Portugália, 1969, pág. 71-73)

---

<sup>1</sup> Esta nova orientação parece ligar-se, em primeiro lugar, à descoberta de que o Universo é uma Evolução. Enquanto foi considerado invariável («O que foi, será»; «não há nada de novo sob a luz do sol»), o dever de estado parecia estático, e, como é frequentemente penoso, podia-se ver nele sobretudo uma expiação. A partir do momento em que se introduz a consciência de uma evolução, de um desenvolvimento que tende cada vez mais a depender de nós, o dever de estado toma um aspecto de esforço, de conquista, de construção. Pode tomar-se entusiástico, aparecendo ao cristão como realizador de uma condição necessária do Reino de Deus.